

Classe alta é a mais atingida pela crise mundial

(NÃO ASSINADO)

A classe AB, a mais alta da pirâmide social brasileira, perdeu espaço em termos de ascensão social desde o agravamento da crise financeira internacional em setembro, caindo 0,65% no período compreendido até dezembro.

A constatação é da Fundação Getúlio Vargas, que divulgou hoje (11), no Rio de Janeiro, estudo sobre a mobilidade social no país com a crise.

No mesmo período dos dois anos anteriores – 2007 e 2006 – a classe AB subiu 3% na pirâmide. O autor da pesquisa, Marcelo Néri, explicou que, se antes, de cada 100 pessoas que estavam na classe AB 20 caíam a cada ano, hoje, essa relação chega a 25. “É aí que os sinais da crise são mais visíveis”, constatou.

Dessas 25 pessoas, quatro caíram diretamente para a classe E. Néri explica que é provável que sejam pessoas que perderam o emprego ou faliram por conta da crise.

“As pessoas com renda mais alta estão vinculadas aos canais de impacto da crise, como o setor exportador, financeiro e imobiliário. A boa notícia é que esses setores são menos importantes aqui do que em outros países, em termos de emprego, de indicadores de renda.”

Néri observou que o fato de a economia ser relativamente fechada e regulada garantiu uma maior proteção de choque financeiros externos. O levantamento da FGV aponta, no entanto, que a crise não afetou tanto a classe C, onde o movimento de ascensão não foi interrompido. A classe média emergente continua crescendo nas seis principais metrópoles do País (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre).